

A cidade gaúcha é a Macondo dos irmãos Ramil, mas dela estão exilados há décadas

PELOTAS

Convidado a participar do disco, num primeiro momento eu fiquei apavorado e quis fugir. Simplesmente minha cultura musical é pouco mais do que rastejante. Detalhe sórdido: comprei um primeiro aparelho de som aos 37 anos, por exigência dos filhos.

- É só a letra – explicou Kledir.

Depois ele me pediu que não me apoquentasse porque ele e o irmão, adestrados na arte de entrançar palavras e músicas, me ajudariam.

Acertamos então que o tema da nossa cantiga seria Pelotas, a nossa Macondo, cidade da qual estamos exilados desde os anos 1970.

Como a letra teria a ver com a Princesa do Sul, peguei um machado e me pus a dismantelar, em frases isoladas, um conto meu que tem aquela cidade como personagem – “Enfeitados todos nós”.

Mais adiante me veio à cabeça que a coisa mais aproximada de poesia que eu havia engendrado era a produção – quatro ou cinco poemas de cordel - de um personagem de um livro meu (à época em trabalho de parto).

Mandei os cordéis para os irmãos Karamazov do Laranjal, que é como eu os chamo, e eles me responderam que eu até que não me dava tão mal com a redondilha maior. Fui aos dicionários. Redondilha maior: versos de sete sílabas.

Aí se chegou o clarão que me faltava: eu deveria meter aquelas dezenas de frases arrancadas do conto enfeitado em camisolas de sete sílabas. Foi o que fiz.

Com base nas tais frases soltas, esbocei três poeminhas em redondilha maior, que submeti ao crivo dos irmãos. Prevaleceu aquele em que eu alinhava basicamente recordações de infância e adolescência. Polido e burilado, ele recebeu um banho musical e transformou-se em “Mistérios do Bule Monstro - Brincando na Praça dos Enforcados”.

A canção começa leve: “Lá no fim do arco-íris/ Caixas de lápis de cor/ A professora ensinava; Foi Nabucodonosor”. Vai da infância à adolescência, percorre a cidade (Igreja da Luz, Vila dos Agachados, Balneários dos Prazeres, Solar da Baronesa, Praça dos Enforcados) e apresenta alguns dos mais conhecidos tipos populares (Alfredinho, Corcel, Judite e Miloca), para os quais, ao final, pede a proteção divina: “Deus proteja os malucos/ E as “loucas” do mictório/ Que eu vou terminar meus dias/ Num quarto do sanatório”. ✦

LIVRO E VINIL

“Com todas as letras” foi lançado simultaneamente em livro, disco de vinil, CD e DVD. A edição comercial - que começou a ser vendida em shows realizados no Rio Grande do Sul - traz, além do CD, um DVD que registra os bastidores da construção da obra. Há também uma edição especial, fora do comércio, que contém um disco de vinil encartado em um livro luxuoso, em grande formato. Nesse livro, que reúne depoimentos escritos de todos os envolvidos no trabalho, as letras das músicas foram transcritas por renomados calígrafos de vários países.

Ao escrever este relato sobre uma peculiar aventura litero-musical eu me lembrei do poeta Cassiano Nunes Botica, meu mestre na Universidade de Brasília. Ele dizia que um dos mais graves problemas da cultura brasileira era que os artistas não se freqüentavam. Segundo ele, músicos não conversavam com escritores, que esnobavam dramaturgos, que desprezavam artistas plásticos...

Pois saiba, mestre Cassiano, que alguns guris de Pelotas quebraram essa escrita.



Lourenço Cazarré, jornalista e escritor, é autor de *Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar* (Saraiva). Mora em Porto Alegre (RS)